

J. BETENCOURT FERREIRA

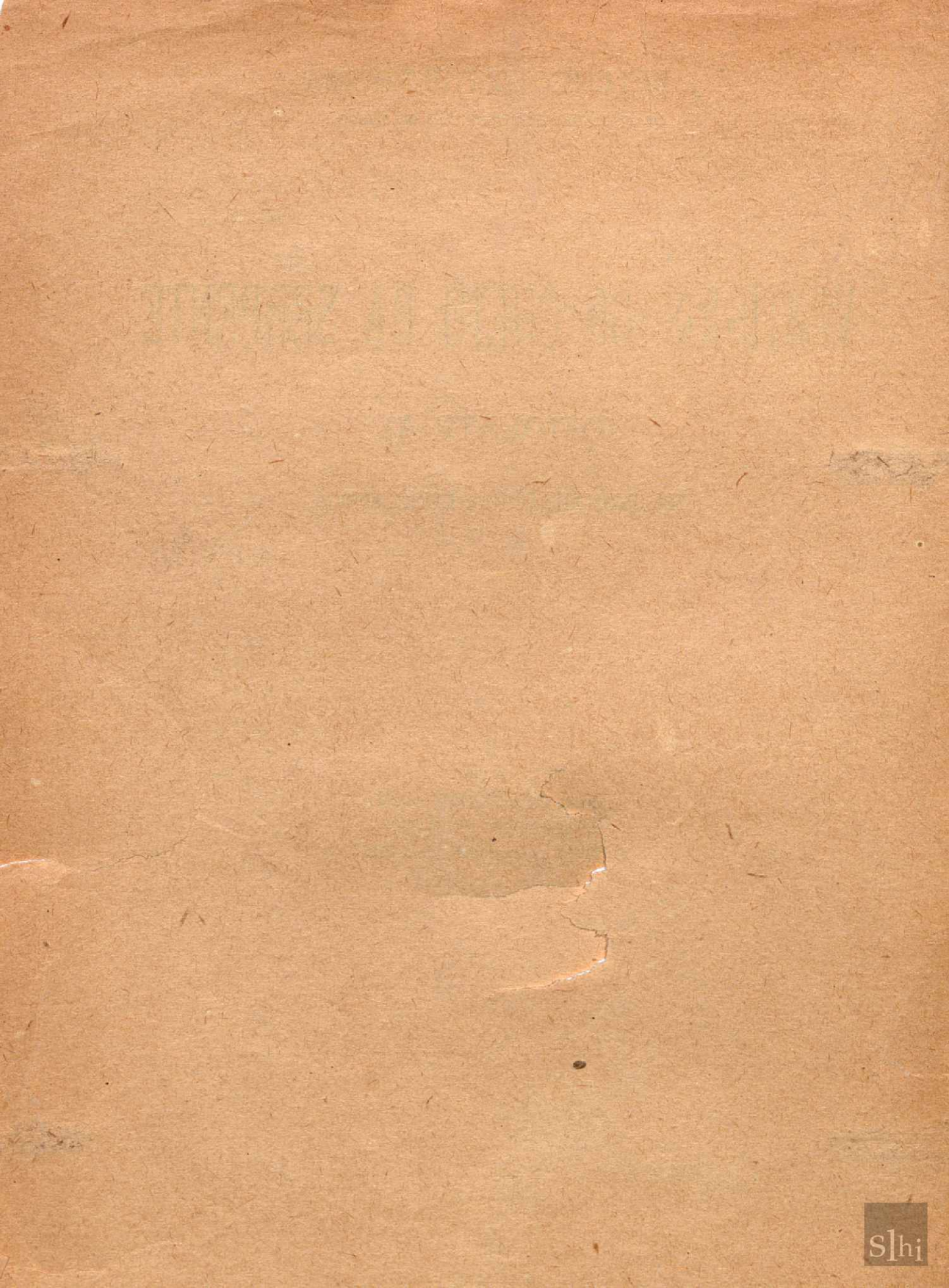
DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PÔRTO

VESTÍGIOS DO CULTO DA SERPENTE

(OFIOLATRIA)

NA PRÉ-HISTÓRIA LUSITÁNICA

Separata de A ÁGUIA, vol. V,
— 3.^a série. N.^{os} 28-29-30 —
Outubro a Dezembro de 1924



COMUNICAÇÃO À «SOCIEDADE PORTUGUESA
DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA»
NA SESSÃO DE 16-VI-1924.

(EXTRACTO)

DE todos os tempos tem impressionado os homens de sciência e o vulgo êsses monólitos mal talhados, que se erguem ainda ao alto em certas localidades e a que deram o nome de *menhires*, o qual, segundo a etimologia fornecida por alguns arqueólogos, derivaria duma palavra de origem celta — *menhir* ou *penlván*, que queria dizer — *pedra longa* ou *pedra perlongada*.

É também sabido que, em certos sítios êstes monólitos ou megálitos estão distribuídos segundo determinadas linhas e direcções, não parecendo a alguns autores indifferente a colocação dêstes monumentos. Assim, a palavra *menhir* teria a particular significação de monólito erguido. Quando um grupo de monólitos desta espécie se acha em fileira, chamam-lhe — *ringleras*. Se êles se acham em círculo ou semi-círculo, em elipse ou em circunferências simples, duplas, triplas ou ainda na disposição rectangular, dizem-se — *cromlechs*, como aqueles que têm sido examinados na Bretanha e dão exemplo clássico de semelhantes e misteriosas pedras.

* * *

Não é nosso intuito fazer neste rápido estudo a história dêstes monumentos curiosos, mas recordar apenas a sua forma e descrição, para estabelecer uma base comparativa à nossa observação feita sôbre uma dessas pedras gravadas, entre nós raras, a qual se encontra no Museu Municipal do Pôrto, na secção de proto-história, cujos exemplares ocupam lugar à volta do claustro.

Não se trata pròpriamente dum dêstes megálitos aludidos, mas de uma coisa equivalente. Conforme as informações obtidas, foi encontrada

no Marco de Canavezes e foi oferecida pelo Dr. Manuel de Vasconcelos, em 1910, ao Museu Municipal. Para a sua reconstituição como monumento arqueológico, reportamo-nos inteiramente à memória escrita pelo nosso ilustre colega Snr. Dr. Pedro Vitorino, zeloso conservador do Museu e nosso bom amigo, cujas indicações preciosas a tal respeito muito penhoradamente agradecemos e ao qual devemos também a generosa cedência dos documentos que representam a dita pedra e os seus traços gravados.

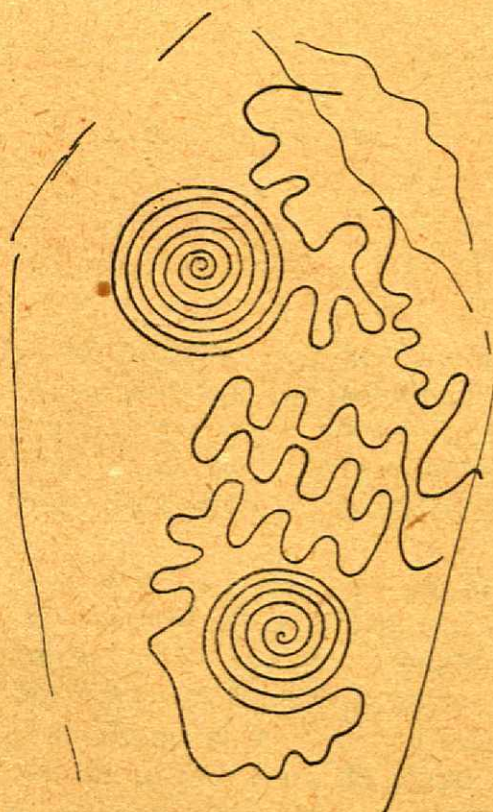


Fig. 1. Simbólica da pedra gravada de Monte-Eiró - Marco de Canavezes (Museu Municipal do Pôrto)

Da nossa inspecção conjugada com as eruditas informações recebidas resulta-nos a convicção de que se trata de uma espécie de *pedra votiva*, convertida provavelmente em pedra comemorativa ou monumento em época mais recente, talvez proto-histórica, mas podendo presumir-se nesse objecto idade mais antiga.

A pedra monumental foi achada a meia encosta, num agregado de penhascos de granito, sôbre a povoação de Píares, em elevação voltada ao Sul, de modo que a parte mais alta olhava naquela orientação, enquanto o

nível da face encarava o nascente (Lugar do Monte de Eiró — Penha Longa — Marco de Canavezes). A pedra mede 2^m,30 de altura ou comprimento e tem 1^m,10 de largura.

Como aludimos no comêço da comunicação, a posição erecta dêstes monólitos é verdadeiramente normal, e a sua significação cultural, bem que discutível, não deixa, quanto a nós, de se poder admitir e até de se sustentar, em presença de certos factos de observação e alguns argumentos aceitáveis.

O que neles interessa sobretudo ao nosso ponto de vista especial é a representação, que em alguns se revela, de caracteres simbólicos, pouco definidos ou em parte obliterados, pela acção do tempo e do homem, mas que interessam principalmente aos arqueólogos e também aos naturalistas e etnologistas.

* * *

A hipótese de serem os *menhires* monumentos religiosos foi emitida no século XVIII, em Inglaterra, por Stuckeley (1750), que os considerava consagrados ao Culto da Serpente, o qual constituiria uma das formas de zoolatria, tão espalhada na alta antiguidade e que vem até aos tempos históricos.

Seriam portanto objectos ou representações simbólicas do culto ofiolátrico.

Esta hipótese, em tempo posta de lado, é de novo sustentada agora por Le Rouzic ¹, a propósito de observações efectuadas nos conhecidos monumentos da Bretanha, nessa região que lhes deve a sua notoriedade.

Efectivamente alguns dêstes monumentos tem gravados longos e complicados traços, de forma labiríntica, os quais são atribuídos a *representações de cobras*, cujas sinuosidades características recordam, como, por exemplo, notou Franchet nos menhires de Kermário, também na Bretanha.

A ideia da significação religiosa dêstes megálitos foi readmitida por Penhouet e Deane, em 1830 e acha-se fortalecida agora pelas descobertas de Le Rouzic e Péquat, de Serpentes, ou cousa que o pareça, gravadas nas pedras de Kermário.

À hipótese de Stuckeley foi analisada por P. Merimée, em um relatório oficial (*Notes d'un voyage dans l'Ouest-1836*). O facto do culto da Serpente na Gália foi outróra nitidamente estabelecido por Plínio, o naturalista e acha-se confirmado pela existência de tais monumentos. A Serpente seria um dos três elementos associados na religião céltica: *as cobras entrelaçadas, o ovo divino e a serpe cornupeta*, de suposta origem divina.

A Serpe cornuda passava sòzinha por divindade na Gália, em parte, (época romana). O ovo de que ela saiu e o par de Serpentes que lhe deram origem não figuram em nenhum monumento. Também na Grécia êstes

¹ Le Rouzic, *Les Monuments de Carnac*.

conceitos pre-históricos apenas subsistem como reminescências interruptas ou mutiladas, segundo a opinião de J. Reinach (*Cultes, Mythes et Religions*).

Pode-se duvidar da exactidão dos raciocínios sôbre a significação dos alinhamentos de Carnac, mas sôbre os símbolos inscritos, gravados nas pedras, aqui e acolá, não é muito difícil estabelecer a concordância de que teria sido a ideia religiosa, de culto ou talvez supersticiosa, a que inspirou semelhantes inscrições, que os arqueólogos atribuem à religião ofiolátrica ou da Serpente e seus atributos ¹.

* * *

Os ornamentos simbólicos em espiral têm suposta origem egípcia ². Os autores que se lhes têm referido estabeleceram uma espécie de ascensão destes desenhos ou gravuras, do Sueste para o N. da Europa e a sua aparição na Irlanda, 1200 anos A. J. C., segundo Coffey ou mais cedo ainda, segundo Montelius. Êstes símbolos curvilíneos vêm-se gravados em pedras antes da época medieval, a não ser nos países scandinavos.

Encontram-se também os desenhos de círculos concêntricos, com ou sem goteria radial, assim como vários semi-círculos e sinais ou ornamentos ³. As curvas concêntricas podem ser interpretadas como espirais incompletas, degeneradas ou como as origens da verdadeira espiral (Fortes).

Compulsando as observações e comparando as gravuras de tais pedras, pode-se perguntar se estes símbolos serão reminescências egeanas. O que parece certo é, como faz notar o mesmo autor, que estes desenhos de curvas concêntricas aparecem na Lusitânia, desde épocas muito remotas, por exemplo, nas Antas de Sales (Terras do Barroso).

Há pouco, M.^{me} Péquat e La Rouzic, de Nancy, fizeram notar no Instit. Int. de Antropologia, acerca dos *menhires* de Carnac, que essas pedras apresentavam a gravura de traços das Serpentes e que o culto destas na Gália era muito espalhado nas épocas prè-históricas ⁴. A espiral apareceu primeiro no Egipto e passou daí para a Europa, não se sabe em que época.

No Egipto antigo, no qual, como é sabido, o culto zoolátrico sempre teve considerável desenvolvimento, um dos objectos de adoração era a Serpente *uróboros*. Esta serpe é comum na magia egípcia e na profilaxia remota. Representa a grande Cobra que rodeia o Mundo e simboliza o Universo, o Céu, os Astros ⁵. Êste símbolo transitou do mundo Antigo para a idade-média e até para os tempos modernos e continua a sua representação ainda hoje nos amuletos de forma popular. Figurou, por exemplo, na bandeira de G. d'Annúnzio, durante a regência de Fiume.

¹ Franchet, *Les alignements de Carnac et la theorie de Stuckeley*, R. S. n.º 18. 1923.

² J. Fortes, *La spirale prehistorique* in *Rev. préhistorique*, 1906.

³ *Idem*, *Loc. cit.*

⁴ In *Rev. Antropologique*, n.º 7-8. Julho e Agosto, 1922.

⁵ *Rev. Archéologique*, 1920, I, pág. 130.

Esta representação observa-se também num baixo relêvo egípcio do Museu de Genebra ¹, que evidentemente se refere à *Serpente uróboros*, como objecto de adoração e de culto. A Serpe contém na sua curva uma estrêla de 8 raios, que se repete no reverso, aos pés da figura central de Bés.

A associação da Serpente com os astros é freqüente neste simbolismo e faz dela animal olímpico. No aludido baixo relêvo a estrêla significa provavelmente o Sol.

Em certo papiro, que tem a forma de amuleto, o Sol acha-se inscrito na forma de escaravelho, cercado de raios e circunscrito pela *Serpente uróboros*.

De um modo semelhante se vê em uma pátera conservada no dito Museu de Arte e História e pertencente à colecção Germain.

Por vezes os aneis da Serpente enlaçam a cabeça ou a totalidade do corpo dum herói, por exemplo, Kronos mitríaco. Enrola-se em redor do omfalos de Delfos, o chamado — umbigo do Mundo — e como na dita pátera une-se ao disco do escudo da Athena Parthenos.

São pois outras tantas variantes da mesma ideia essencial, simbolicamente traduzida por um sinal que passou a ser um hieroglifo comum entre povos primitivo-históricos ou proto-históricos, de civilização e portanto de Arte mais ou menos complicada.

Deve-se acrescentar que esta pátera era objecto votivo, empregado no culto greco-romano e feito de argila ou de metais preciosos, conforme as circunstâncias. Era a *Fiala* dos gregos, a pátera dos romanos. Em todo o caso sagrada, como a sua Serpe representativa é o seu símbolo primordial.

É um tema assás espalhado e que se encontra em todas as épocas e nos povos mais diversos. Representa pois a tradução da ideia simbólica dos fenómenos naturais mais importantes — o Sol, a Terra, a Lua, o fogo, pela Serpente e o círculo infinito. — Assim, na mitologia escandinava, a grande Serpe Midgard, precipitada por Odin no mar, com a cauda na bôca dá a volta ao Mundo e o mantém no amplexo do seu anel corpóreo. Também traduz êste símbolo a água que abrange grande parte do Globo, o Rio Oceano, que os antigos geógrafos supunham envolver a Terra. Representa também o curso circular da Lua, nos monumentos da Caldea, como em alguns documentos helénicos e medievais, assim como representa também a marcha circular do Sol. O desenho mais ou menos vago da Serpente dá ideia do Mundo, do Universo, do Sol e da Lua e constitui o símbolo da Eternidade, do Indefinido.

Os monumentos em que aparece a *Serpente uróboros* são numerosos, no Egipto e na Caldea e mesmo em épocas modernas. Vê-se nos papiros do tempo dos Ramessidas e também nos documentos da Arte fenícia. Nos amuletos ciganos ela figura também como o sol, em forma estrelada, como é sabido. É dêste modo que ela se acha representada na pátera referida do Museu de Genebra.

¹ *Rev. Archeol.* t. XVIII. 1923.

Ainda, por exemplo, idêntico simbolismo se reconhece na pátera de prata do tesouro de Annecy, na qual a cabeça de Octávio (OCTAVIUS CAESAR) é circundada pela Cobra. Esta descreve uma circunferência na borda do vaso e toca a cauda com o focinho. Entre o medalhão central e a Serpente circular deparam-se em friso vários motivos mitológicos, nos quais avulta a Serpente encurvada em sigma e a imagem de Apolo, deus solar (*Mus. de Arte e de Hist.*, de Genebra) ¹.

Neste caso, Apolo é a imagem antropomórfica de Helios, o Sol. Efectivamente, sob o regime de Octávio, o culto de Apolo tomou em Roma novo incremento.

Também no culto romano, na Gália, a Serpente doméstica era associada aos deuses Lares, com os quais se confundia.

Outros documentos antigos revelam a antiguidade do culto ofiolátrico, como se percebe por certas designações, que têm significados especiais. Assim chamavam *ofiacae* os poemas ou tratados sôbre as serpentes, do tempo de Plínio.

Ofiogenes era um povo da Ásia Menor, que curava as mordeduras das cobras, por um modo peculiar, segundo Varrão.

Ofitae (ofites) era o nome da Seita que orava às Serpentes.

Na Península hispânica encontram-se sinais dêste culto remoto, assim como o esquema solar, representado pelos círculos concêntricos cortados de raios, como no Dolmen da Granja de Toniñuelo, segundo Obermaier ².

Também na Anta do Corão, perto de Abamia, nas Astúrias (*Mus. Archeol. de Madrid*), conforme o mesmo autor, vêem-se sulcos com lineamentos colubriformes.

Êstes lineamentos são análogos aos das Antas de Sales, no Barroso.

* * *

Os traços ou gravuras esculpidas nas Antas, nos *menhires*, nas pedras votivas, têm sofrido interpretação controversa.

Consideradas em separado tais ideias simbólicas e religiosas e juntamente com outras manifestações artísticas do H. das cavernas, elas foram tomadas como expressões vagas ou tentativas, esboços de arte primitiva dos trogloditas, como manifestações indecisas de ornamentação ³.

¹ *Rev. Archeolog.* 1920, I.

² Obermaier, *Die Dolmen Spaniens* (*Soc. Antropol. zu Wien.* XX — 1920).

³ Já depois de composto êste trabalho, tivemos conhecimento da obra muito importante *Os povos primitivos da Lusitânia*, do eminente professor Dr. Mendes Correia. Nela o autor alude também aos traços, pinturas e pedras gravadas, de época neolítica e de outras e particularmente aos exemplos abundantes de semelhantes manifestações na Península hispânica e ainda ás Antas do Barroso, a que acabamos de nos referir. Pôstoque a opinião do autor dêste livro se incline para a consideração artística e ornamental destas gravuras, os vastos exemplos citados nesta e noutras publicações, prestam fundamento à hipótese da significação teomórfica das figuras. (V. *Pinturas e insculpturas megalíticas*, do mesmo in *Rev. Estudos Históricos*, I — Pôrto, 1914.

Parece incontestável a alguns arqueólogos a existência da arte ornamental neolítica; por exemplo, afirma-o Santos Rocha ¹ ao contrário do que afirmou Mortillet. Essas pinturas e gravuras decorativas ou supostas tais foram testemunhadas entre nós pelo Dr. J. Fortes e Dr. L. de Vasconcelos, por E. Piette, em França e ainda na Áustria, etc.

Discutiui-se sôbre se êsses traços ou gravuras teriam apenas por intuito tornar o aspecto decorativo das criptas dolmênicas, ou serviriam para mnemónica ou comemoração de acontecimentos memoráveis, mas é mais para acreditar na hipótese do estilo religioso, para dar explicação dêsses sinais gravados e sua interpretação, como escrita simbólica ou como amuletos.

Há por vezes apenas traços debuxados em forma de grade, a côres diversas como se vê em um penhasco eminente ao Douro, no sítio chamado do Cachão da Rapa, termo da Vila de Anciães, considerado como obra neolítica pelo Dr. J. Fortes e pelo prof. Leite de Vasconcelos.

A êste respeito são notáveis, como dando nitidamente a significação cultural ou de amuletos, os desenhos das necrópoles dolmênicas de Trás-os-Montes ² bem como as da Caverna de Altamira ³ e de Peña de Candamo, reproduzidas na obra admirável e completa de Hernandez Pacheco ⁴.

«A civilização neolítica, diz Domenech (*Hist. general del Arte*), apparece em substituição da paleolítica no Oc. da Europa, como se fôsse trazida por várias raças estranhas. Aqui mudam também o clima, a flora, a fauna, e as raças humanas mudam também. Ao clima *frio*, de temperaturas extremas, sobrevém o clima *temperado*. Desaparece o Mamut, a Hiena e os gr. felinos. A Rena, a Saiga e o Glutão vão-se para os climas polares; o Gamo, a Cabra montez sobem às montanhas; as antigas raças, de tipo permanente, doliocéfala e braquicéfala, são substituídas por variações mais amplas do tipo humano. Aparece também maior variedade na sua cultura. À pedra talhada, substitui-se a pedra polida; às cópias esculpidas de sêres vivos substituem-se as linhas geométricas; à vida nómada dos caçadores a vida sedentária do agricultor e com esta a confecção dos utensílios e do mobiliário apropriado, dos objectos cerâmicos e da architectura, que apparece nos seus lineamentos principais.»

A expansão do cristianismo fez abater muitos *menhires*, como objecto do culto idolatra, que era repellido pelos sectários da religião cristã (Franchet, Reinach). S. Reinach diz que em 789 Carlos Magno deu ordem para tratar como sacrílegos aqueles que não fizessem desaparecer dos seus campos os simulacros erectos neles ou se opuzessem à sua destruição. Conseqüentemente muitos dêstes monumentos prè-históricos foram abatidos ou destruídos, facto verificado *in loco* por Merimée na sua viagem à Bretanha.

Tais monumentos, posto que de data incerta, são atribuídos à época neolítica, segundo a opinião da maioria dos arqueólogos. Franchet supõe-os contemporâneos das Antas e parece que assim opina também Obermaier,

1 *Rev. Sc. Nat. e Sociais*, IV, pág. 1 e segs.

2 *Portugália*, I, pág. 687 e segs.

3 *Portugália*, vol. II.

4 H. Pacheco, *La Caverna de Peña de Candamo*, 1919.

no estudo citado sôbre os dolmens de Espanha e no qual se refere também aos menhires e pedras gravadas com símbolos e é de crer que semelhante culto se prolongasse até à época romana.

Assim também parece compreendê-lo o Dr. J. Fortes na sua interessantíssima memória sôbre as Antas do Barroso.

Várias divindades antigas tiveram por atributo a serpente — Esculápio, Serapis, Plutão, Esmun, Cneph e outras. De todas Esculápio, deus da medicina, merece um capítulo especial.

Era no Templo de Epidauro que os animais sagrados estavam encerrados e entregues à guarda de sacerdotizas especiais. Conhece-se mesmo a cobra europeia que especialmente era destinada a êste culto; é uma cobra do género *Coluber* (*C. esculapii*) ¹.

Na história dêste simbolismo religioso avulta e assume valor artístico e científico a Cobra de Esculápio.

A representação clássica do deus da Medicina com o enigmático ofídio enrolado no bastão, mostra a Serpente como atributo desta divindade indissolúvelmente a ela ligado. No templo de Epidauro, onde lhe era prestado culto, as serpes serviam usualmente de agúrios, como aliás acontecia com outros animais, em diversas revelações do panteísmo helénico.

O facto de nas pedras gravadas a serpente simbólica se achar representada pròximamente ao símbolo solar explica-se por ser ela um dos atributos do Astro divino, que para os antigos Egípcios e Gregos possuía um enorme prestígio e era objecto, como é sabido, de grande adoração, tanto nos povos orientais como nos ocidentais ².

O Deus contornado pelas longas sinuosidades da Serpente, ou mantendo na mão êste Réptil, seja qual fôr essa divindade, é o Sol, mas o Sol de outono e de inverno.

Na mitologia grega, Júpiter, Bacco, Plutão e o Sol confundem-se numa só divindade e a Serpe seria pois o atributo de qualquer deles e por isso foi também convertida em constelação, como o escorpião e o sagitário ³.

* * *

Se esta significação cultural se perdeu ou atenuou muito através dos séculos, não desapareceu definitivamente contudo.

Ela revive nas ideias supersticiosas àcerca das serpentes, ideias que são, por assim dizer, substitutivas ou a degeneração do conceito religioso, principalmente quando êle descamba na mentalidade inculta do povo,

¹ Epidauro era situada na Argolida (parte ocupada pelos dóricos d'Argos), hoje com o nome de — *Pidhaura* —, onde se vêem ainda as ruínas do templo de Hierão d'Asclepios (Esculápio), instituição a que esta parte da Grécia antiga deveu a celebridade.

² Dupuis, *Origine de tous les cultes* — II. Paris, 1822.

³ Constelação do Serpentário — OPHIUCUS.

povoada apenas de restos desagregados tradicionais, que a imaginação alimenta e transforma, dando com resultado a lenda, a superstição e a credence, os amuletos, os talismans e os totens.

A credence substituiu a crença religiosa e a superstição fez do símbolo um amuleto.

É por isso que ainda hoje, como vestígio ainda não apagado do velho culto da Serpente, nós encontramos com frequência espalhado entre as classes populares o uso de qualquer parte do ofídio, a servir de amuleto, mais vulgarmente, a cabeça da víbora.

Várias vezes como naturalista me pediram para distinguir a cabeça dêsse Solenoglypho, crendo que só nela pode residir a virtude, pois que industriosos e enganadores vendem por não modesto preço cabeças de outras cobras, deformando-as de modo a simular cabeças de Víbora.

Na antiguidade, Plínio, Galeno e outros aconselhavam a carne das víboras contra as úlceras.

Na Idade Média e mesmo em tempos modernos, acreditou-se muito nas virtudes dimanadas do corpo das Cobras e daí a existência de semelhantes animais nos Laboratórios ou lojas de Farmácia, vendo-se ainda em alguns dêstes estabelecimentos das circunscrições rurais.

A credulidade no pretendido vigor da Cobra levava a terapêutica popular, empírica e medieval, a impingir aos doentes e aos fracos, sob a forma de caldo ou de pilulas, várias porções do corpo do animal e ainda como antidoto contra certos envenenamentos ou peçonhas, principalmente contra os efeitos da mordedura de animais peçonhentos, pelo menos das víboras, o que constituía uma forma primitiva e felizmente obsoleta de opoterapia.

A Consagração da Naja ou Aspide do Egipto, consagração que levou a divinizá-la e representá-la bem correctamente nos templos e nos edifícios tumulares, como ainda há pouco se reconheceu nas escavações trabalhosas e não destituídas de perigo das sepulturas do Pharaó Tutank-Amon, leva a crer que o culto ofiolátrico no Antigo Egipto era muito mais profundo e espalhado do que a princípio se julgou, por alguns documentos dispersos da história da Arte egípcia.

Desenhos, gravuras e esculturas bastante típicas, salientes e correctas, atestam perduravelmente esta consagração generalizada dos ofídios, tão antiga e inveterada, que ainda hoje abundam, em distanciadadas regiões, os vestígios indeléveis dela.

Esta adoração supersticiosa da Serpente atravessou épocas, países, religiões e ainda hoje se mantém, sob a forma dispersa de vago simbolismo e de atributo divino.

Não deixa porém de possuir a significação mais ou menos expressiva da zoolatria, que é apanágio humano, desde remota idade e que nos conduz sistematicamente a duas correntes de ideias: a consagração do animal pelas suas qualidades e virtudes, reconhecidas ou supostas e a simbolização, à custa da sua forma, de conceitos e pensamentos que se prendem com a mitologia de diferentes povos, em diversos graus de adiantamento; nuns sob formas grosseiras, rudimentares, noutros com manifestações

artísticas, esculturais ou outras, de relêvo e belezas incontestáveis, em todo o caso de elevada e por vezes subtil evocação.

NOTA FINAL

Depois de composto e revisto o presente trabalho, appareceu a público a dissertação doutoral do snr. dr. Aarão de Lacerda, sob o título — *O fenómeno religioso e a simbólica*, que tivemos occasião de compulsar com agrado e proveito, e que se refere também ao monumento pré-histórico e aos símbolos ou gravuras rupestres, de que tratámos nesta abreviada exposição. O illustre escritor e crítico interpreta-os igualmente como sinais relacionados com formas de culto arcaico e representações congêneres, folgando nós de acrescentar ainda que tôda esta obra notável, impressionante de beleza artística e de conceito profundo, simultaneamente de elegância literária e de considerável riqueza de documentação, volumosa e valiosa, dá razão à maneira de ver sobre semelhantes objectos, como expressões simbólicas, de acôrdo com formas primitivas de religiões pre-históricas. (V. págs. 227, 232 e 233).

(NOTA DO AUTOR).